

BOLETIM

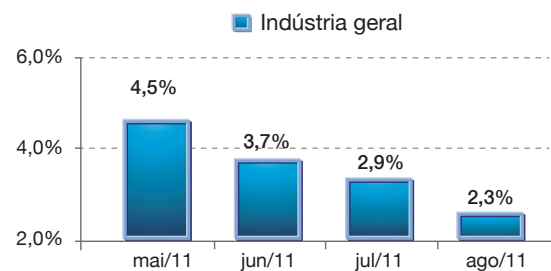
ESTUDOS & PESQUISAS

Expectativas do Mercado

No mês de setembro, no cenário externo, o mercado de trabalho norte-americano registrou pequena melhora. A Europa e a China, por sua vez, voltaram a apresentar sinais de desaceleração. A região do Euro voltou a ser o foco das atenções. O rebaixamento do rating de crédito da Itália e da Espanha, em termos da capacidade de pagamento de suas dívidas, e a possibilidade de que outros países do velho continente também sejam rebaixados, indica que a região do Euro ainda está longe da solução para a crise das dívidas dos países europeus. O anúncio, da Alemanha e da França, de que a Linha de Estabilidade Financeira Européia pode subir para 1 trilhão de euros, deu momentaneamente uma atenuada nas perspectivas para a região. Se este fundo, de fato, for ampliado, haverá maior disponibilidade de recursos para o resgate de países em dificuldades. Não obstante isso, os países da região ainda terão que passar por fortes ajustes fiscais.

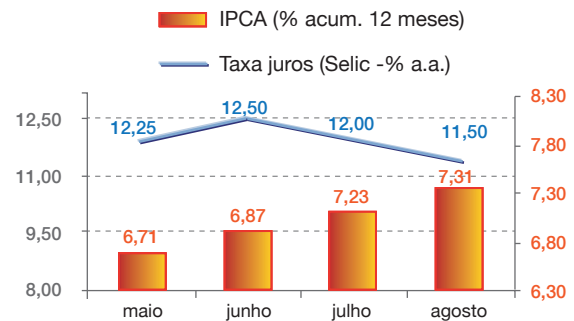
No contexto interno, a produção industrial seguiu em desaceleração. Em agosto/11, no acumulado de 12 meses, a produção industrial brasileira cresceu apenas 2,3%. A inflação acumulada nos últimos doze meses, até setembro, chegou a 7,31% e, para compensar a esperada desaceleração da economia, o Banco Central, promoveu o segundo corte consecutivo na taxa de juros SELIC, reduzindo esta taxa para 11,5% a.a.

Produção industrial acumulada 12 meses



Fonte: IBGE

IPCA acumulado X Taxa Juros (Selic)



Fonte: IBGE e Bacen

A mediana das expectativas de mercado com relação à variação do PIB foi ajustada para baixo, para 3,3% em 2011. Permanece a expectativa de que a inflação, medida pelo IPCA, deve ficar acima da meta anual de 4,5% até fins de 2013. Por sua vez, a expectativa para a taxa básica de juros (Selic) apresentou uma tendência à queda mais forte, até fins de 2012, e a taxa de câmbio tende a oscilar entre R\$1,73 e R\$1,81.

Quadro - Expectativas do mercado

	Unidade de Medida	2011	2012	2013	2014	2015
PIB	% a.a. no ano	3,30	3,51	4,30	4,50	4,50
IPCA	% a.a. no ano	6,50	5,60	4,90	4,50	4,50
Taxa SELIC	% a.a. em dez.	11,00	10,50	10,50	10,00	10,00
Taxa de Câmbio	R\$/US\$ em dez.	1,75	1,75	1,73	1,76	1,81

Fonte: Banco Central, Boletim Focus, consulta em 24/10/11

Esta publicação integra o rol de trabalhos elaborados pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas (NEP) da Unidade de Gestão Estratégica (UGE) do Sebrae-NA e tem por objetivo contribuir com o planejamento e ações estratégicas do Sistema Sebrae. Neste número, inicialmente, é apresentado o desempenho recente da economia brasileira e as expectativas do mercado para os próximos anos. Na sequência, é exposta uma análise do desempenho recente de setores onde é forte a presença de Micro e Pequenas Empresas (indústrias da construção, têxtil e confecções, calçados, móveis, comércio e serviços). Em seguida, o artigo Justiça, empreendedorismo e pequenos negócios faz uma análise sobre Justiça Social e o advento do MEI. Finalmente, na última seção, são apresentadas as estatísticas mais recentes disponíveis sobre as MPE na economia brasileira.

Notícias Setoriais

CONSTRUÇÃO

O PIB da construção registrou expansão de apenas 2,1% no 2º trim. deste ano, em relação a igual período de 2010 e acumula alta de 3,6% no primeiro semestre, enquanto o total de empregos gerados está 26,8% menor que o observado no primeiro semestre de 2010. Apesar da possibilidade de desaceleração da economia mundial e brasileira, a continuidade das obras do PAC, o programa “Minha Casa, Minha Vida” e a maior disponibilização de recursos para financiamentos imobiliários podem compensar internamente eventual queda do ritmo de expansão da economia mundial.

Fonte: Sinduscon-SP

TÊXTIL E CONFECÇÕES



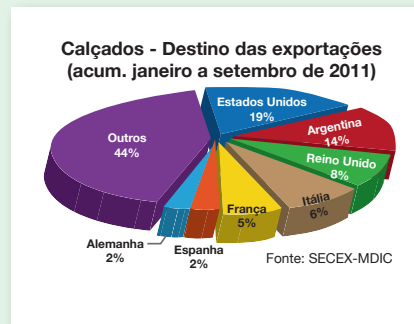
A produção física da indústria Têxtil registrou alta de 3,6% em ago/11 sobre o mês anterior e a de Vestuário, de 2,5%, no mesmo período comparativo. Entretanto, no acumulado do ano até agosto, constata-se retração tanto na produção da indústria Têxtil (-14,3%) quanto na de Vestuário (-3,5%) em relação a igual período de 2010. Ainda no acumulado de janeiro a agosto, a balança comercial do setor Têxtil ficou deficitária em US\$ 3.068 milhões, enquanto no mesmo período de 2010 o déficit foi de US\$ 1.884 milhões. No entanto, com a implementação do Plano Brasil Maior e a desvalorização cambial, ora em curso, a competitividade da indústria nacional tende a aumentar, revertendo o cenário atual, com reflexos positivos para as MPE que atuam nesse setor.

Fontes: ABIT, Sinditêxtil e SECEX-MDIC.

CALÇADOS

No acumulado de janeiro a setembro de 2011, a balança comercial do setor apresentou superávit de US\$ 641 milhões, apesar da queda de 13,9% registrada nas exportações e aumento de 43,5% nas importações, em relação ao mesmo período de 2010. O setor de Calçados também foi um dos beneficiados pelo Plano Brasil Maior. O atual cenário de desvalorização cambial tende a beneficiar as empresas do setor, principalmente pelo lado das importações (redução). Ressalte-se, porém, que a barreira argentina aos calçados brasileiros tem prejudicado, principalmente, a indústria cearense, responsável por 65% (em valor) dos embarques desse produto àquele país.

Fonte: Abicalçados e SECEX/MDIC



MÓVEIS

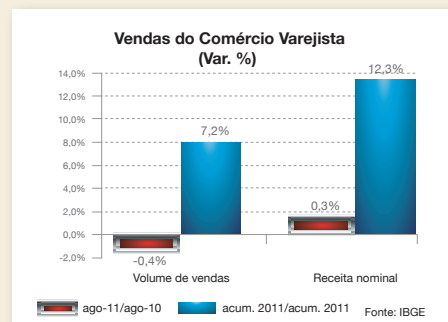
A produção física de móveis cresceu 3,86% de janeiro a agosto deste ano sobre igual período de 2010, apesar de as importações também terem crescido 39% no mesmo período comparativo. Já as exportações diminuíram 2% na mesma comparação. Não obstante o aumento da concorrência com os produtos importados, o mercado interno encontra-se aquecido, em função do aumento da renda e do bom momento da construção civil. As medidas do Plano Brasil Maior, divulgadas recentemente pelo governo, também deverão proporcionar maior competitividade às empresas desse setor.

Fonte: Sinduscon-SP

COMÉRCIO E SERVIÇOS

O volume de vendas do comércio varejista recuou 0,4% em agosto em relação a julho (segunda retração do ano). Já a receita nominal registrou aumento de 0,3%, no mesmo período comparativo, mas foi a menor taxa positiva registrada em 2011. No acumulado do ano, frente a igual período de 2010, o volume de vendas apresentou elevação de 7,2% e a receita nominal, de 12,3%. A atividade Móveis e eletrodomésticos destacou-se com alta de 18,1% nesse comparativo, seguida pela atividade Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumos (4,0%). Apesar da esperada desaceleração, as vendas no comércio no conjunto do ano devem superar as registradas em 2010.

Fonte: Abicalçados e SECEX/MDIC



Artigo do mês:

Justiça, empreendedorismo e pequenos negócios Márcio Augusto Scherma¹

John Rawls foi um importante teórico da filosofia política moderna do século XX. Para ele, uma sociedade justa deve igualar as pessoas em suas circunstâncias, de modo que tudo o que venha a ocorrer posteriormente com suas vidas seja fruto de suas próprias escolhas. É a própria sociedade (através do Estado) que deve agir no sentido de igualar os cidadãos, daí a sua afirmação de que a virtude básica de toda instituição social é a justiça. Para Rawls, a natureza pode até ser arbitrária quando dota os indivíduos de mais ou menos capacidades e talentos, mas isso não deve ser sobrecarregado ainda mais com instituições sociais injustas.

O universo empresarial no Brasil pode ser analisado a partir desse ponto de vista. Pela sua escala, as grandes empresas – em geral as que mais têm capacidade de pagar seus tributos – são capazes de negociar isenção tributária. Já as MPE, até pouco tempo passavam por uma série de percalços quando esse era o assunto. Utilizando os conceitos de Rawls, não havia uma igualdade de condições entre os segmentos.

Uma das principais ações que alterou esse cenário foi a aprovação da Lei Complementar 123/06, a “Lei Geral da Micro e Pequena Empresa”, que dotou o segmento de condições legais e tributárias se não iguais, menos injustas. Ainda nessa direção, em 2008 a Lei Complementar 128/08, criou a figura do Empreendedor Individual (EI), aquele que trabalha por conta-própria e que, legalizado, é isento dos tributos federais, tendo acesso a benefícios como auxílio maternidade, auxílio doença, aposentadoria, entre outros.

Os resultados impressionam. Já superamos a marca de um milhão e setecentos mil EI. Pesquisa recém divulgada pelo Sebrae indica que mais de 53% dessas pessoas já tinham seu próprio negócio, mas estavam na informalidade. Mais: cerca de 4% dos entrevistados são egressos do Bolsa-Família, mostrando que o EI é importante instrumento de inclusão produtiva. Para mais de 77% dos entrevistados, a atividade do EI é sua única fonte de renda, e mais de 30% dos entrevistados declararam que seu faturamento aumentou após a formalização. Tudo isso levou 94% dos entrevistados a recomendarem a formalização para alguém que ainda está na informalidade.

Esse sucesso mostra não só a força dos pequenos negócios, mas também que muitos empreendedores só puderam avançar depois de fornecidas as condições que tornassem sua realidade mais justa para entrar no mercado e competir com as médias e grandes empresas - ou seja, quando foram igualadas as circunstâncias nas quais operam.

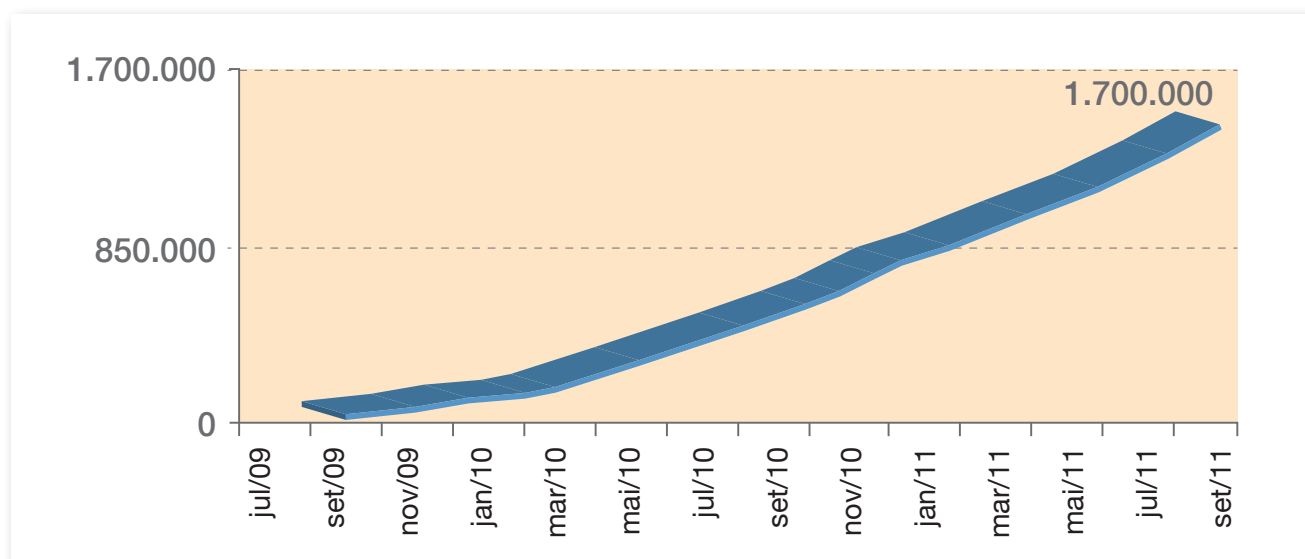
¹Cientista Político e Mestre em Relações Internacionais pela Unicamp. Analista Técnico do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Unidade de Gestão Estratégica (UGE) do Sebrae Nacional.

TEMAS PARA OS PRÓXIMOS ARTIGOS:

- MPE nas exportações
- Sustentabilidade nas MPE brasileiras
- Taxa de sobrevivência das empresas no Brasil

Estatísticas sobre as MPE

Número acumulado de EI formalizados até 20/outubro/2011



Dados básicos sobre Micro e Pequenas Empresas (MPE) no Brasil

Participação das MPEs na economia (em %)	Ano do dado	Brasil	Fonte
No PIB (%)	1985	20%	SEBRAE/NA
No faturamento das empresas (%)	1994	28%	SEBRAE/NA
No número de empresas exportadoras (%)	2010	61%	FUNCEX
No valor das exportações brasileiras(%)	2010	1%	FUNCEX
Na massa de salários das empresas (%)	2009	40%	RAIS
No total de empregados com carteira das empresas (%)	2009	52%	RAIS
No total de pessoas ocupadas em atividades privadas (%) ¹	1999	67%	SEBRAE/SP
No total de empresas privadas existentes no país (%)	2009	99%	RAIS

Nota: (1) Pessoas Ocupadas = (Empregador+Conta-Própria+Empregado c/carteira+Empregado s/carteira), apenas para o Estado de São Paulo

Informações sobre MPE	Ano do dado	Brasil	Fonte
Quantitativo de MPE			
Número de Micro e Pequenas Empresas registradas na RAIS	2009	5.972.474	RAIS
Número de Optantes do Simples Nacional (em 20/10/2011)	2011	5.593.719	SRF
Número de Empreendedores Individuais (em 20/10/2011)	2011	1.696.544	SRF
Número de Estabelecimentos Agropecuários (MPE)	2006	4.367.902	IBGE
Mercado de Trabalho			
Número de empregadores no Brasil	2009	3.991.512	IBGE
Número de conta-própria no Brasil	2009	18.978.498	IBGE
Número de empregados c/carteira assinada em MPE	2009	13.620.039	RAIS
Rendimento médio mensal dos empregadores no Brasil (em SM)	2009	6,7 SM	IBGE
Rendimento médio mensal dos conta-própria no Brasil (em SM)	2009	1,8 SM	IBGE
Rendimento médio mensal dos empregados c/carteira no Brasil (em SM)	2009	2,1 SM	IBGE
Rendimento médio mensal dos empregados c/carteira nas MPE (em R\$)	2009	R\$ 1.004	RAIS
Massa de salários paga por MPE (em R\$ bilhões)	2009	R\$ 13,2	RAIS
Comércio Exterior			
Número de MPEs exportadoras	2010	11.858	FUNCEX
Valor total das exportações de MPEs (US\$ bilhões FOB)	2010	US\$2,0 bi	FUNCEX
Valor médio exportado por MPE (US\$ mil FOB)	2010	US\$170,9 mil	FUNCEX

Fonte: Elaboração UGE/SEBRAE-NA (atualizado em 20/10/2011).